

CASA DE PENSÃO



ALUISIO AZEVEDO

CASA DE PENSÃO



Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2020 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Texto	Imagens
Aluísio Azevedo	belander/Shutterstock.com; Valentin Agapov/Shutterstock.com;
Preparação, revisão e diagramação	aarrows/Shutterstock.com;
Project Nine Editorial	PROKOPEVA IRINA/Shutterstock.com; oorka/Shutterstock.com;
Produção editorial e projeto gráfico	Yoko Design/Shutterstock.com;
Ciranda Cultural	Kamieshkova/Shutterstock.com; rtgust/Shutterstock.com;
Notas de rodapé	
Para a elaboração das notas de vocabulário foram consultados os dicionários Michaelis e Aulete.	

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

A994c	Azevedo, Aluísio, 1857-1913
	Casa de Pensão / Aluísio Azevedo. - Jandira, SP : Principis, 2020. 320 p. ; 16cm x 23cm. - (Literatura Clássica Mundial)
	Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-063-7
	1. Literatura brasileira. I. Título. II. Série.
2020-1176	CDD 869.8992 CDU 821.134.3(81)

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira 869.8992
2. Literatura brasileira 821.134.3(81)

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	6
CAPÍTULO 2	15
CAPÍTULO 3	31
CAPÍTULO 4	53
CAPÍTULO 5	64
CAPÍTULO 6	76
CAPÍTULO 7	95
CAPÍTULO 8	108
CAPÍTULO 9	119
CAPÍTULO 10	130
CAPÍTULO 11	149
CAPÍTULO 12	179
CAPÍTULO 13	197
CAPÍTULO 14	206
CAPÍTULO 15	224
CAPÍTULO 16	236
CAPÍTULO 17	249
CAPÍTULO 18	264
CAPÍTULO 19	279
CAPÍTULO 20	290
CAPÍTULO 21	301
CAPÍTULO 22	314



CAPÍTULO 1

Seriam onze horas da manhã.

Campos, segundo o costume, acabava de descer do almoço e, a pena atrás da orelha, o lenço por dentro do colarinho, dispunha-se a prosseguir no trabalho interrompido pouco antes. Entrou no seu escritório e foi sentar-se à secretária.

Defronte dele, com uma gravidade oficial, empilhavam-se grandes livros de escrituração mercantil. Ao lado, uma prensa de copiar, um copo d'água, sujo de pó, e um pincel chato; mais adiante, sobre um mocho¹ de madeira preta, muito alto, via-se o Diário deitado de costas e aberto de par em par.

Tratava-se de fazer a correspondência para o Norte. Mal, porém, dava começo a uma nova carta, lançando cuidadosamente no papel a sua bonita letra, desenhada e grande, quando foi interrompido por um rapaz, que da porta do escritório lhe perguntou se podia falar com o sr. Luís Batista de Campos.

– Tenha a bondade de entrar – disse este.

O rapaz aproximou-se das grades de cedro polido que o separavam do comerciante.

Era de 20 anos, tipo do Norte, franzino, amorenado, pescoço estreito, cabelos crespos e olhos vivos e penetrantes, se bem que alterados por um leve estrabismo.

Vestia casimira clara, tinha um alfinete de esmeralda na camisa, um brilhante na mão esquerda e uma grossa cadeia de ouro sobre o ventre. Os pés, coagidos em apertados sapatinhos de verniz, desapareciam-lhe casquilhamente² nas amplas bainhas da calça.

– Que deseja o senhor? – perguntou Campos, metendo de novo a pena atrás da orelha e pousando um pedaço de papel mata-borrão³ sobre o trabalho.

O moço avançou dois passos, com ar muito acanhado; o chapéu de pelo seguro por ambas as mãos e a bengala debaixo do braço.

– Desejo entregar esta carta – disse, cada vez mais atrapalhado com o seu chapéu e a sua bengala, sem conseguir tirar da algibeira um grosso maço de papéis que levava.

Não havia onde pôr o maldito chapéu, e a bengala tinha-lhe já caído no chão, quando Campos foi em seu socorro.

– Cheguei hoje do Maranhão – acrescentou o provinciano, sacando as cartas finalmente.

As últimas palavras do moço pareciam interessar deveras o negociante, porque este, logo que as ouviu, passou a considerá-lo da cabeça aos pés, e exclamou depois:

– Ora espere... O senhor é o Amâncio!

O outro sorriu, e, entregando-lhe a carta, pediu-lhe com um gesto que a lesse. Não foi preciso romper o sobrescrito, porque vinha aberta.

– É de meu pai... – disse Amâncio.

– Ah! É do velho Vasconcelos?... Como vai ele?

– Assim, assim... O que o atrapalha mais é o reumatismo. Agora está em uso da salsa caroba, do Holanda.

– Coitado! – lamentou Campos com um suspiro. – Ele sofre há tanto tempo!...

2. Com elegância.

3. Papel usado para absorver excesso de tinta de escrever.

1. Banco sem encosto e braços; tamborete. (Esta e as demais notas são do editor).

E passou a ler a carta, depois de dar uma cadeira a Amâncio, que já estava para dentro das grades.

– Pois, sim, senhor! – disse ao terminar a leitura. – Está o meu amigo na Corte, e homem! Como corre o tempo!...

Amâncio tornou a sorrir.

– Parece que ainda foi outro dia que o vi, deste tamanho, a brincar no armazém do seu pai.

E mostrou com a mão aberta o tamanho de Amâncio naquela época.

– Foi há seis anos – observou o moço, limpando o suor que lhe corria abundantemente pelo rosto.

Fez-se uma pequena pausa e em seguida Campos falou do muito que devia ao falecido irmão e sócio do velho Vasconcelos; citou os obséquios que lhe merecera; disse que encontrara nele “um segundo pai” e terminou perguntando quais eram as intenções de Amâncio na Corte. Se vinha estudar ou empregar-se.

– Estudar! – acudiu o provinciano.

Quería ver se era possível matricular-se ainda esse ano na Escola de Medicina. Não negava que se havia demorado um pouquinho nos preparatórios... mas seria dele a culpa?... Só com umas sezões⁴ que apanhara na fazenda da avó, perdera três anos.

Campos escutava-o com atenção. Depois lhe perguntou se já havia almoçado.

Amâncio disse que sim, por cerimônia.

– Venha então jantar conosco; precisamos conversar mais à vontade. Quero apresentá-lo à minha gente.

O rapaz concordou, mas ainda tinha de entregar várias cartas e várias encomendas que trouxera. Campos talvez conhecesse os destinatários.

Mostrou-lhe as cartas; eram quase todas de recomendação.

– O melhor é tomar um carro – aconselhou o negociante. – Olhe, vou dar-lhe um moço, aí de casa, para o guiar.

E, pelo acústico⁵, que havia a um canto do escritório, chamou um caixeiro. Daí a pouco, Amâncio saía, acompanhado por este, prometendo voltar para o jantar.

A casa de Luís Campos era na rua Direita. Um desses casarões do tempo antigo, quadrados e sem gosto, cujo ar severo e recolhido está a dizer no seu silêncio os rigores do velho comércio português.

Compunha-se do vasto armazém ao rés do chão, e mais dois andares; no primeiro dos quais estava o escritório e à noite aboletavam-se os caixeiros, e no segundo morava o negociante com a mulher, d. Maria Hortênsia, e uma cunhada, d. Carlotinha.

A mesa era no andar de cima. Faziam-se duas: uma para o dono da casa, a família, o guarda-livros e hóspedes, se os havia, o que era frequente; e a outra só para os caixeiros, que subiam ao número de cinco ou seis.

Apesar de inteligente e de brasileiro, Campos nunca logrou espantar de sua casa o ar triste que a ensombrecia. À mesa, quando raramente se palestrava, era sempre com muita reserva; não havia risadas expansivas, nem livres exclamações de alegria. Os hóspedes, pobre gente de província, faziam uma cerimônia espessa; o guarda-livros⁶ poucas vezes arriscava a sua anedota e só se determinava a isso tendo de antemão escolhido um assunto discreto e conveniente.

Campos não apertava a bolsa em questões de comida; queria mesa farta; quatro pratos ao almoço, café e leite à discrição; ao jantar seis, sopa e vinho. Os caixeiros falavam com orgulho dessa generosidade e faziam em geral boa ausência do patrão, que, entretanto, fora sempre de uma sobriedade rara: comia pouco, bebia ainda menos e não conhecia os vícios senão de nome.

Aos domingos, e às vezes mesmo em dias de semana, aparecia para o jantar um ou outro estudante comprovinciano dos Campos ou algum freguês do interior, que estivesse de passagem na Corte e a quem lhe convinha agradar.

5. Aparelho para propagar sons.

6. Profissional de contabilidade.

4. Febre intermitente; malária.

Luís Campos era homem ativo, caprichoso no serviço de que se encarregava e extremamente suscetível em pontos de honra; quer se tratasse de sua individualidade privada, quer de sua responsabilidade comercial.

Não descia nunca ao armazém, ou simplesmente ao escritório, sem estar bem limpo e preparado. Caprichava no asseio do corpo: as unhas, os cabelos e os dentes mereciam-lhe bons desvelos e atenções.

Entre os companheiros, passava por homem de vistas largas e espírito adiantado; nos dias de descanso dava-se todo ao *Figuier*, ao *Flammarion* e ao *Júlio Verne*⁷, outras vezes, poucas, atirava-se à literatura; mas os verdadeiros mestres aborreciam-no e entreturbava-no⁸ com os rigorismos da forma.

– É um bom tipo! – diziam os estudantes à volta do jantar, e no seguinte domingo lá estavam de novo. O “bom tipo” tratava-os muito bem, levava-os com a família para a sala, oferecia-lhes charutos, cerveja, e nunca exigia que lhe restituíssem os livros que lhes emprestava.

Quanto à sua vida comercial, pouco se tem a dizer. Até aos 18 anos, Campos estivera no Maranhão, para onde fora em pequeno de sua província natal, o Ceará. No Maranhão fez os primeiros estudos e deu os primeiros passos no comércio, pela mão de um velho negociante, amigo de seu pai.

Esse velho foi seu protetor e o seu guia; só com a morte dele se passou Campos para o Rio de Janeiro, onde, graças ainda a certas relações da família de seu benfeitor, conseguiu arranjar-se logo, como ajudante de guarda-livros, em uma casa de comissões. Desta saiu para outra, melhorando sempre de fortuna, até que afinal o admitiram, como gerente, no armazém de uns tais Garcia, Costa & Cia.

Garcia morreu, Campos passou a ser interessado na casa; depois morreu o Costa, e Campos chamou um sócio de fora, um capitalista, e ficou sendo a principal figura da firma.

7. Louis Figuier (1819-1894) foi um cientista e escritor francês. Foi bastante popular no Brasil no período em que esta obra foi escrita. Nicolas Camille Flammarion (1842-1925), foi um astrônomo, pesquisador psíquico e divulgador científico francês. Júlio Verne (1828-1905) foi um escritor francês do século XIX, precursor da moderna literatura de ficção científica.

8. Pertubar, ficar confuso.

Por esse tempo encontrou d. Maria Hortênsia, menina de boa família, sofrivelmente ajuizada e com dote. Pouco levou a pedi-la e a casar-se.

Nunca se arrependera de semelhante passo. Hortênsia saíra uma excelente dona de casa, muito arranjadinha, muito amiga de poupar, muito presa aos interesses de seu marido, e limpa, “limpa, que fazia gosto!”.

O segundo andar vivia, pois, num brinco; nem um escarro seco no chão. Os móveis luziam, como se tivessem chegado na véspera da casa do marceneiro; as roupas da cama eram de uma brancura fresca e cheirosa; não havia teias de aranha nos tetos ou nos candeeiros e os globos de vidro não apresentavam sequer a nódoa de uma mosca.

E Campos sentia-se bem no meio dessa ordem, desse método. Procurava todos os dias enriquecer os trens de sua casa, já comprando umas jardineiras, que lhe chamaram a atenção em tal rua; já trazendo uma estatueta, um quadro, uma nova máquina de fazer sorvetes, ou um sistema aperfeiçoado para esta ou aquela utilidade doméstica.

Gostava que em sua casa houvesse um pouco de tudo. Não aparecia por aí qualquer novidade, qualquer novo aparelho de bater ovos, gelar vinho, regar plantas, que Campos não fosse um dos primeiros a experimentar.

A mulher, às vezes, já se ria, quando ele entrava da rua abraçado a um embrulho.

– Que foi que se inventou?... – perguntava com uma pontinha de mofo.

O marido não fazia esperar a justificação do seu novo aparelho, e, tal interesse punha em jogo, que parecia tratar de uma obra própria, de cujo sucesso dependesse a sua felicidade. E, logo que encontrasse algum amigo, não deixava de falar nisso; gabava-se da compra que fizera, encarecia a utilidade do objeto e aconselhava a todos que comprassem um igual.

Campos, depois do casamento, principiou a prosperar de um modo assombroso; dentro de três anos era o que vimos: rico, muito acreditado e seguro na praça.

E, contudo, não tinha mais do que 36 anos de idade.

– É um felizardo! – resmungavam os colegas, com olhar fito.

– É um felizardo! Quem o viu, como eu, há tão pouco tempo!...

– Mas sempre teve boa cabeça!...

– São fortunas, homem! Outros há por aí, que fazem o dobro e não conseguem a metade!

– Não! Ele merece, coitado! É muito bom moço, muito expedito⁹ e trabalhador!

– Homem! Todos nós somos bons!... O que lhe afianço é que nunca em minha vida consegui pôr de parte um bocado de dinheiro!

E o caso era que Campos, ou devido à fortuna ou ao bom tino para os negócios, prosperava sempre.

Às quatro horas da tarde apareceu de novo Amâncio.

Vinha esbaforido. O dia estava horrível de calor. Campos foi recebê-lo com muito agrado.

– Então? – disse-lhe. – Está livre das cartas?

– Qual! – respondeu o moço. – Tenho ainda cinco para entregar... Uma estafa! No Maranhão nunca senti tanto calor!...

– Falta de hábito! – observou o outro. – Daqui a dias verá que isto é muito mais fresco!

– Estou desta forma!... – queixava-se Amâncio, quase sem fôlego, a mostrar o colarinho desfeito e os punhos encardidos.

– Suba – volveu Campos, empurrando-o brandamente. – Tome qualquer coisa. Vá entrando sem cerimônia.

E, já na escada do segundo andar, perguntou de súbito:

– É verdade! E a sua bagagem?...

– Está tudo no hotel Coroa de Ouro. Hospedei-me lá.

– Bem.

E subiram.

Amâncio deixou-se ficar na sala de visita; o outro correu a prevenir a mulher.

– Neném! – disse ele. – Sabes? Hoje temos ao jantar um moço que chegou do Norte, um estudante. É preciso oferecer-lhe a casa.

Hortênsia respondeu com um gesto de má vontade.

– Não! – replicou o negociante. – É uma questão de gratidão!... Devo muitos obséquios à família deste rapaz! Lembras-te daquele velho, de que te falei, aquele que foi quem me deu a mão lá no Norte?... Pois este é o sobrinho, é filho do Vasconcelos. Não nos ficaria bem recebê-lo assim, sem mais nem menos!...

– Mas, Lulu, isto de meter estudantes em casa é o diabo! Dizem que é uma gente tão esbodegada¹⁰!

– Ora, coitado! Ele até me parece meio tolo! Além disso, não seria o primeiro hóspede!...

– Queres agora comparar um estudante com aqueles tipos de Minas que se hospedam aqui!...

– Mas se estou dizendo que o rapaz até parece tolo...

– Manhas, homem! Todos eles parecem muito inocentes, e depois... Enfim, tu farás o que entenderes!... Só te previno de que esta gente é muito reparadeira!

– Não há de ser tanto assim!...

E Campos voltou à sala.

Amâncio soprava, estendido em uma cadeira de balanço, a abanar-se com o lenço.

– Muito calor, hein? – perguntou Campos, entrando.

– Está horroroso – disse aquele.

E resfolegou com mais força.

– Venha antes para este lado. Aqui para a sala de jantar é mais fresco. Venha! Eu vou dar-lhe um paletó de brim.

Amâncio esquivava-se, fazendo cerimônia; mas o outro, com o segredo da hospitalidade que em geral possui o cearense, obrigou-o a entrar para um quarto e mudar de roupa.

9. Pessoa ágil, eficiente, resolve problemas rapidamente.

10. Desleixada.

O jantar, como sempre, correu frio e contrafeito. Amâncio não tinha apetite, porque pouco antes comera mães-bentas¹¹ em um café; Campos, porém, desfazia-se e empregava todos os meios de lhe ser agradável.

– Vá, mais uma fatia de pudim – insistia ele a tentá-lo.

– Não, não é possível – respondia o hóspede, limpando sempre o rosto com o lenço.

À sobremesa falou-se no velho Vasconcelos e mais no irmão. O negociante lembrou ainda as obrigações que devia à família de Amâncio, citou pormenores de sua vida no Maranhão; elogiou muito a província; disse que havia lá mais sociabilidade que no Rio de Janeiro, e acabou brindando a memória de seu benfeitor, de seu segundo pai.

Maria Hortênsia parecia tomar parte no reconhecimento do marido e, sempre que se dirigia ao estudante, tinha nos lábios um sorriso de amabilidade.

Carlotinha não dera uma palavra durante o jantar. Comia vergada sobre o seu prato e só ergueu a cabeça na ocasião de deixar a mesa.

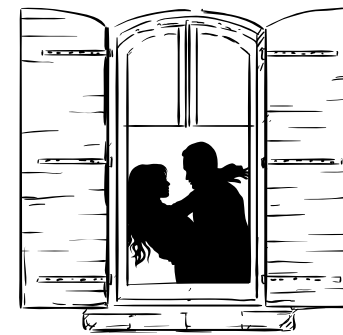
Amâncio, todavia, não a perdera de vista.

Às sete horas da tarde, quando se despediu, estava já combinado que no dia seguinte ele voltaria com as malas, para hospedar-se em casa do Campos.

– É melhor... – disse este. – É muito melhor! Ali o senhor não pode estar bem; sempre é vida de hotel! Venha para cá; faça de conta que minha família é a sua.

Amâncio prometeu, e saiu, reconsiderando pelo caminho todas as impressões desse dia.

Mais tarde, deitado na cama do Coroa de Ouro, com o corpo moído, o espírito saturado de sensações, procurava recapitular o que tinha a fazer no dia seguinte; e, bocejando, via de olhos fechados, o vulto amoroso de Hortênsia a sorrir para ele, estendendo-lhe no ar os belos braços, palpitantes e carnudos.



CAPÍTULO 2

No dia seguinte mudava-se Amâncio para a casa do Campos. Seria por pouco tempo; até que descobrisse um “comodo definitivo”.

Deixou com algum pesar o hotel. Aquela vida boêmia, com os seus almoços em mesa-redonda, o seu quartinho, uma janela sobre os telhados, e a plena liberdade de estar como bem entendesse, tinha para ele um sedutor encanto de novidade.

Nunca saíra do Maranhão; vira de longe a Corte através do prisma fantasmagórico de seus sonhos. O Rio de Janeiro afigurava-se-lhe um Paris de Alexandre Dumas ou de Paulo de Kock¹², um Paris cheio de canções de amor, um Paris de estudantes e costureiras, no qual podia ele à vontade correr as suas aventuras, sem fazer escândalo como no diabo da província.

Há muito tempo ardia de impaciência por tal viagem: pensara nisso todos os dias; fizera cálculos, imaginara futuras felicidades. Queria teatros bufos, ceias ruidosas ao lado de francesas, passeios fora de horas, a carro, pelos arrabaldes. Seu espírito, excessivamente romântico, como o de todo maranhense nessas condições, pedia uma grande cidade, velha, cheia de ruas tenebrosas, cheia de mistérios, de hotéis, de casas de jogo, de lugares suspeitos e de mulheres caprichosas: fidalgas

12. Alexandre Dumas, (1824- 1895), dramaturgo e romancista francês, um dos fundadores da “peça do problema”: drama realista da classe média, tratando alguns males contemporâneos e oferecendo sugestões para seu remédio. Charles-Paul de Kock (1793-1871, Paris), prolífico escritor francês cujos romances sobre a vida parisiense eram, em sua época, leituras populares Europa.

11. Pequeno bolo de farinha de arroz e coco ralado assado em pequenas formas.

encantadoras e libertinas, capazes de tudo, por um momento de gozo. E Amâncio sentia necessidade de dar começo àquela existência que encontrara nas páginas de mil romances. Todo ele reclamava amores perigosos, segredos de alcova e loucuras de paixão.

Entretanto, o seu tipo franzino, meio imberbe¹³, meio ingênuo, dizia justamente o contrário. Ninguém, contemplando aquele insignificante rosto moreno, um tanto chupado, aqueles pômulos salientes, aqueles olhos negros, de uma vivacidade quase infantil, aquela boca estreita, guarneçada de bons dentes, claros e alinhados, ninguém acreditaria que ali estivesse um sonhador, um sensual, um louco.

Sua pequena testa, curta e sem espinhas, margeada de cabelos crespos, não denunciava o que naquela cabeça havia de voluptuoso e ruim. Seu todo acanhado, fraco e modesto não deixava transparecer a brutalidade daquele temperamento cáldido e desinsofrido.

Amâncio fora muito mal-educado pelo pai, português antigo e austero, desses que confundem o respeito com o terror. Em pequeno levou muita bordoadas; tinha um medo horroroso de Vasconcelos; fugia dele como de um inimigo, e ficava todo frio e a tremer quando lhe ouvia a voz ou lhe sentia os passos. Se acaso algumas vezes se mostrava dócil e amoroso, era sempre por conveniência: habituou-se a fingir desde esse tempo.

Sua mãe, D. Ângela, uma santa de cabelos brancos e rosto de moça, não raro se voltava contra o marido e apadrinhava o filho. Amâncio agarrava-se-lhe às saias, fora de si, sufocado de soluços.

Aos 7 anos entrou para a escola. Que horror!

O mestre, um tal Antônio Pires, homem grosseiro, bruto, de cabelo duro e olhos de touro, batia nas crianças por gosto, por um hábito do ofício. Na aula só falava a berrar, como se dirigisse uma boiada. Tinha as mãos grossas, a voz áspera, a catadura selvagem; e quando metia para dentro um pouco mais de vinho, ficava pior.

Amâncio, já na Corte, só de pensar no bruto, ainda sentia os calafrios dos outros tempos, e com eles vagos desejos de vingança. Um malquerer doentio invadia-lhe o coração, sempre que se lembrava

do mestre e do pai. Envolvia-os no mesmo ressentimento, no mesmo ódio surdo e inconfessável.

Todos os pequenos da aula tinham birra do Pires. Nele enxergavam o carrasco, o tirano, o inimigo e não o mestre; mas, visto que qualquer manifestação de antipatia redundava fatalmente em castigo, as pobres crianças fingiam-se satisfeitas; riam muito quando o beberrão dizia alguma chalaça e afinal, coitadas, iam-se habitualmente ao servilismo e à mentira.

Os pais ignorantes, viciados pelos costumes bárbaros do Brasil, atrofiados pelo hábito de lidar com escravos, entendiam que aquele animal era o único professor capaz de “endireitar os filhos”.

Elogiavam-lhe a rispidez, recomendavam-lhe sempre que “não passasse a mão” pela cabeça dos rapazes e que, quando fosse preciso, “dobrasse por conta deles a dose de bolos”.

Ângela, porém, não era dessa opinião: não podia admitir que seu querido filho, aquela criaturinha fraca, delicada, um mimo de inocência e de graça, um anjinho, que afagara com tanta ternura e com tanto amor, que ela podia dizer criada com os seus beijos, fosse lá apanhar palmatoadas de um brutalhão daquela ordem! “Ora! Isso não tinha jeito!”

Mas Vasconcelos saltava-lhe logo em cima: que deixasse lá o pequeno com o mestre!... Mais tarde ele havia de agradecer aquelas palmatoadas!

Assim não sucedeu. Amâncio alimentou sempre contra Pires o mesmo ódio e a mesma repugnância. Verdade é que também fora sempre tido e havido pelo pior dos meninos da aula, pelo mais atrevido e insubordinado. Adquiriu tal fama com o seguinte fato:

Havia na escola um rapazito, implicante e levado dos diabos, que se assentava ao lado dele e com quem vivia sempre de turra.

Um dia pegaram-se mais seriamente. Amâncio teria então 8 anos. Estava a coisa ainda em palavras, quando entrou o professor, e os dois contendores tomaram à pressa os seus competentes lugares.

Fez-se respeito. Todos os meninos começaram a estudar em voz alta, com afetação. Mas, de repente, ouviu-se o estalo de uma bofetada.

Houve rumor. Pires levantou-se, tocou uma campainha, que usava para esses casos, e sindicou¹⁴ do fato.

13. Inexperiente.

14. Informar-se.

Amâncio foi o único acusado.

– Sr. Vasconcelos! – gritou o mestre – Por que espancou o senhor aquele menino?

Amâncio respondera humildemente que o menino insultara sua mãe.

– É mentira! – protestou o novo acusado.

Amâncio repetiu o insulto que recebera. Toda a escola rebentou em gargalhadas.

– Cale-se, atrevido! – berrou o professor encolerizado, a tocar a campainha. – Mariola! Dizer tal coisa em pleno recinto de aula!

E, puxando a pura força o delinquente para junto de si, ferrou-lhe meia dúzia de palmatoadas. Amâncio, logo que se viu livre, fez um gesto de raiva.

– Ah! Ele é isso?! – exclamou o professor. – Tens gênio, tratante?! Ora espera! Isso tira-se!

E voltando-se para o rapazito que levou a bofetada, entregou-lhe a fêrula e disse-lhe que aplicasse outras tantas palmatoadas em Amâncio.

Este declarou fortemente que não se submetia ao castigo. O professor quis submetê-lo à força; Amâncio não abriu as mãos. Os dedos pareciam colados contra a palma.

O professor, então, desesperado com semelhante contrariedade, muito nervoso, deixou escapar a mesma frase que pouco antes provocara tudo aquilo.

Amâncio recuou dois passos e soltou uma nova bofetada, mas agora na cara do próprio mestre. Em seguida deitou a fugir, correndo.

Um “Oh!” formidável encheu a sala. Pires, rubro de cólera, ordenou que prendessem o atrevido. A aula ergueu-se em peso, com grande desordem. Caíram bancos e derramaram-se tinteiros. Todos os meninos abraçaram sem hesitar a causa do mestre, e Amâncio foi agarrado no corredor quando ia alcançar a rua.

Mas, quatro pontapés puseram em fugida os dois primeiros rapazes que lhe lançaram os dedos. Dois outros acudiram logo e o seguraram de novo, depois vieram mais três, mais oito, vinte, até que todos os quarenta ou cinquenta estudantes o levaram à presença do Pires, alegres, vitoriosos, risonhos, como se houvessem alcançado uma glória.

Amâncio sofreu novo castigo; serviu de escárnio aos seus discípulos e, quando chegou à casa, o pai, informado do que sucedera na escola, deu-lhe ainda uma boa sova e obrigou-o a pedir perdão, de joelhos, ao professor e ao menino da bofetada.

Desde esse instante, todo o sentimento de justiça e de honra que Amâncio possuía, transformou-se em ódio sistemático pelos seus semelhantes. Ficou fazendo um triste juízo dos homens.

“Pois se até seu próprio pai, diretamente ofendido na questão, abraçara a causa do mais forte!...”

Só Ângela, sua adorada, sua santa mãe, à noite, ao beijá-lo antes de dormir, depois de lhe perguntar se ficara muito magoado com o castigo, segredara-lhe entre lágrimas que “ele fizera muito bem...”

Como aquele, outros fatos se deram na meninice de Amâncio. Todas as vezes que lhe aparecia um ímpeto de coragem, sempre que lhe assistia um assomo de dignidade, sempre que pretendia repelir uma afronta, castigar um insulto, o pai, ou professor, caía-lhe em cima, abafando-lhe os impulsos pundonorosos¹⁵. Ficou medroso e descarado.

No fim de algum tempo já podiam, na escola, insultar a mãe quantas vezes quisessem, que ele não se abalaria; podiam lançar-lhe em rosto as ofensas que entendessem porque ele se conservaria impassível. Temia as consequências de desafronta. “Estava domesticado”, segundo a frase do Pires.

Todavia, esses pequenos episódios da infância, tão insignificantes na aparência, decretaram a direção que devia tomar o caráter de Amâncio. Desde logo habituou-se a fazer uma falsa ideia dos seus semelhantes; julgou os homens por seu pai, seu professor e seus discípulos. E abominou-os. Principiou a aborrecê-los secretamente, por uma fatalidade do ressentimento; principiou a desconfiar de todos, a prevenir-se contra tudo, a disfarçar, a fingir que era o que exigiam brutalmente que ele fosse.

Nunca lhe deram liberdade de espécie alguma: se lhe vinha uma ideia própria desejava pô-la em prática, perguntavam-lhe “a quem vira ele fazer semelhante asneira?”

15. Digno, honrado.

Convenceram-no de que só devemos praticar aquilo que os outros já praticaram. Opunham-lhe sempre o exemplo das pessoas mais velhas; exigiam que ele procedesse com o mesmo discernimento de que dispunham seus pais.

E os rebentões da individualidade, e o que pudesse haver de original no seu caráter e na sua inteligência, tudo se foi mirrando e falecendo, como os renovos de uma planta, que regassem diariamente com água morna.

À mesa devia ter a sisudez de um homem. Se lhe apetecia rir, cantar, conversar, gritavam-lhe logo: “Tenha modo, menino! Esteja quieto! Comporte-se!”.

E Amâncio, com medo da bordoada, fazia-se grave, e cada vez ia-se tornando mais hipócrita e reservado. Sabia afetar seriedade, quando tinha vontade de rir; sabia mostrar-se alegre, quando estava triste; calar-se, tendo alguma recriminação a fazer; e, na igreja, ao lado da família, sabia fingir que rezava e sabia aguentar por mais de uma hora a máscara de um devoto.

Como o pai o queria inocente e dócil, ele afetava grande toleima¹⁶, fazia-se muito ingênuo, muito admirado das coisas mais simples.

– É uma menina!... – dizia a mãe, convicta – Amancinho tem já 10 anos e conserva a candura de um anjo!

Vasconcelos nunca o puxava para junto de si, nem conversava com ele, nem o interrogava; e, quando a infeliz criança, justamente na idade em que a inteligência se desabotoa, ávida de fecundação, fazia qualquer pergunta, respondiam-lhe com um berro: “Não seja bisbilhoteiro, menino!”.

Amâncio emudecia e abaixava os olhos, mas, logo que o perdiam de vista, ia escutar e espreitar pelas portas.

Com semelhante esterco, não podia desabrochar melhor no seu temperamento o leite escravo, que lhe deu a mamar uma preta da casa.

Diziam que era uma excelente escrava: tinha muito boas maneiras; não respingava aos brancos, não era respondona: aturava o maior castigo, sem dizer uma palavra mais áspera, sem fazer um gesto mais

desabrido. Enquanto o chicote lhe cantava nas costas, ela gemia apenas e deixava que as lágrimas lhe corressem silenciosamente pelas faces.

Além disso, forte, rija para o trabalho. Poderia nesse tempo valer bem um conto de réis.

Vasconcelos a comprara, todavia, muito em conta, “uma verdadeira pechincha!” porque o demônio da negra estava então que não valia duas patacas; mas o senhor a metera em casa, dera-lhe algumas garrafadas de laranja-da-terra, e a preta em breve começou a deitar corpo e a endireitar, que era aquilo que se podia ver!

O médico, porém, não ia muito em que a deixassem amamentar o pequeno.

– Esta mulher tem reuma no sangue... – dizia ele – e o menino pode vir a sofrer no futuro.

Vasconcelos sacudiu os ombros e não quis outra ama.

– O doutor que se deixasse de partes!

A negra tomou muita afeição à cria. Desvelava por elas noites consecutivas e, tão carinhosa, tão solícita se mostrou, que o senhor, quando o filho deixou a mama, consentiu em passar-lhe a carta de alforria por seiscentos mil-réis, que ela ajuntara durante quinze anos. Mas a preta não abandonou a casa de seus brancos e continuou a servir, como dantes; menos, está claro, no que dizia respeito aos castigos, porque a desgraçada, além de forra, ia já caindo na idade.

Amâncio dera-lhe bastante que fazer. Fora um menino levado da breca; só não chorava enquanto dormia e, quando se punha a espernear, não havia meio de contê-lo.

Era muito feio em pequeno. Um nariz disforme, uma boca sem lábios e dois rasgões no lugar dos olhos. Não tinha um fio de cabelo e estava sempre a fazer caretas.

A princípio, muito achacado de feridas, coitadinho! Os pés frios, o ventre duro constantemente.

Levou muito para andar e custou-lhe a balbuciar as primeiras palavras. Ângela adorava-o com entusiasmo do primeiro parto; por duas vezes supôs vê-lo morto e deu promessas aos santos da sua devoção.

16. Que se faz tolo, tolice.

Conseguiram fazê-lo viver, mas sempre fraquinho, anêmico, muito propenso aos ingurgitamentos escrofulosos¹⁷.

Quando acabou as primeiras letras, não era, entretanto, dos rapazes mais débeis da aula do Pires. Para isso contribuíram em grande parte uns passeios que costumava dar, pelas férias, à fazenda de sua avó materna, em São Bento.

Esses passeios representavam para Amâncio a melhor época do ano. A avó, uma velha quase analfabeta, supersticiosa e devota, permitia-lhe todas as vontades e babava-se de amores por ele. O rapaz escondia-lhe o cachimbo, pisava-lhe os canteiros da horta, divertia-se em quebrar a pedradas as lamparinas dos santos, suspensas na capela, e, às vezes, quando não estava de boa maré, atirava com os pratos nos escravos que serviam à mesa.

A avó ralhava, mas não podia conter o riso. O netinho era o seu encanto, o fraco de sua velhice; só um pedido daquele diabrete faria suspender o castigo dos negros e desviar do serviço das roças algum dos moleques; para ir brincar com Nhozinho. Estava sempre a dizer que se queixava ao genro e que o devolvia para a cidade; mas, no ano seguinte, se Amâncio não aparecia logo no começo das férias, choviam os recados da velha em casa de Vasconcelos, rogando que lhe mandassem o neto.

– Mande! Mande o pequeno! – aconselhava o médico.

E lá ia Amâncio.

Só aos 12 anos fez o seu exame de português na aula do Pires.

Houve muita formalidade. A congregação era presidida pelo Sotero dos Reis; havia vinte e tantos examinandos. Amâncio tremia naqueles apuros. Não tinha em si a menor confiança.

Foi, contudo, “aprovado plenamente”. Mas não sabia nada, quase que não sabia ler. Da gramática apenas lhe ficaram de cor algumas regras, sem que ele compreendesse patavina do que elas definiam. Pires nunca explicava: se o pequeno tinha a lição de memória, passava outra, e, se não tinha, dava-lhe algumas palmatoadas e dizia-lhe que trouxesse a mesma para o dia seguinte.

Mas, enfim, estava habilitado a entrar para o Liceu onde iria cursar as aulas de francês e geografia.

O Liceu, que bom! Oh! Aí não havia castigos, não havia as pequenas misérias aterradoras da escola! Não poderia faltar às aulas, é certo, mas, em todo o caso, estudaria quando bem entendesse e, lá uma vez por outra, havia de “fazer a sua parede”.

E, só com pensar nisso, só com se lembrar de que já não estava ao alcance das garras do maldito Pires, o coração lhe saltava por dentro, tomado de uma alegria nervosa.

Vasconcelos quis festejar o exame do filho, com um jantar oferecido aos senhores examinadores e aos velhos amigos da família.

À noite houve dança. Amâncio convidou os companheiros do ano; compareceram somente os pobres: os que não tinham em casa também a sua festa.

O pai, por instâncias de Ângela, fizera-lhe presente de um relógio com a competente cadeia, tudo de ouro. A avó, que se abalara da fazenda para assistir ao regozijo do seu querido mimalho, trouxera-lhe um moleque, o Sabino.

Amâncio, todo cheio de si, a rever-se na sua corrente e a consultar as horas de vez em quando, foi nesse dia o alvo de mil felicitações, de mil brindes e de mil abraços.

Alguns amigos do pai profetizavam nele uma glória da pátria e diziam que o João Lisboa, o Galvão e outros não tinham tido melhor princípio.

Lembraram-se todas as partidas engraçadas de Amâncio, vieram à baila os repentines felizes que o diabrete tivera até aí. Na cozinha, a *mãe-preta*, a ama, contava às parceiras as travessuras do menino e com olhos embaciados de ternura, com uma espécie de orgulho amoroso, referia sorrindo os trabalhos que lhe dera ele, as noites que ela desvelara.

– Já em pequeno – diziam – era muito sabido, muito esperto! Enganava os mais velhos; tinha lábias, como ninguém, para conseguir as coisas, e sabia empregar mil artimanhas para obter o que desejava! Não! Definitivamente não havia outro!

17. Tuberculose linfática.

Ângela, a um canto da varanda, assentada entre as suas visitas, seguia o filho com um olhar temperado de mágoa e doçura.

– O que lhe estaria reservado?... O que o esperaria no futuro?...
– Cismava a boa senhora, meneando tristemente a cabeça. – Oh! Às vezes cria-se um filho com tanto amor, com tantas lágrimas, para depois vê-lo andar por aí aos trambolhões, nesse mundo de Cristo!... – E a ideia de que, talvez, nem sempre o teria perto de si, que nem sempre o poderia obrigar a mudar a camisa, quando estivesse suado; obrigá-lo a tomar o remédio, quando estivesse doente; obrigá-lo a comer, a dormir com regularidade; a evitar, enfim, tudo que pudesse-lhe prejudicar a saúde; oh! A ideia de tudo isso lhe entrava no coração, como um sopro gelado, e fazia tremer a pobre mãe.

– Ai! ai! – disse ela.

– Que suspiros são esses, D. Ângela? – perguntou o dr. Silveira, que estava ao seu lado. Homem íntimo da casa e figura conhecida na política da terra.

– Malucando cá comigo – respondeu a senhora. E como o outro estranhasse a resposta: – Quem tem filho, tem cuidados, senhor doutor!...

– Oh! oh! – exclamou este, com um gesto autorizado, abrindo muito a boca e os olhos. – A quem o diz, sra. D. Ângela, a quem o diz!... Só eu sei o que me custam esses quatro pecados que aí tenho!...

E para provar que dizia a verdade, teria falado nos seus cabelos brancos, se não os pintasse. “Quando Ângela se afligia daquele modo, sendo rica; quanto mais ele: pobre jurisconsulto, com pequenos vencimentos e uma família enorme!...”

– Ah! Os tempos vão muito maus...

Puseram-se logo a falar na ruindade dos tempos. “Estava tudo pela hora da morte! Comia-se dinheiro!”

Mas o Silveira voltara-se rapidamente, para dar atenção a Amâncio, que acabava de aproximar-se, em silêncio, com ar presumido de quem tinha consciência de que toda aquela festa lhe pertencia.

– Então, meu estudante! – disse o jurisconsulto, empinando a cabeça.
– Já escolheu a carreira que deseja seguir?
– Marinha – respondeu Amâncio secamente.

A farda seduzia-o. Nada conhecia “tão bonito” como um oficial de marinha.

A mãe riu-se com aquela resposta, e olhou em torno de si, chamando a atenção dos mais para o desembaraço do filho.

À meia-noite foram todos de novo para a mesa. Vasconcelos era muito rigoroso quando recebia gente em casa; queria que houvesse toda a fartura de vinhos e comida. Os brindes reapareceram. Abriram-se as garrafas de Moscato d’Asti, Chateau Yquem e Champagne.

Conversou-se a respeito dos vinhos de Vasconcelos. “O Maranhão era incontestavelmente uma das províncias onde melhor se bebia!”

Do meio para o fim da ceia, Amâncio sentiu-se outro.

Em uma ocasião, que o pai se afastara da mesa, ele pediu um brinde e cumprimentou as “pessoas presentes”.

Este fato causou delírios. O próprio pai não se pôde conter e disse entredentes, a rir:

– Ora o rapaz saiu-me vivo!

Ângela abraçou o filho, chorando de comovida.

– Que lhe disse eu?... – resmungou delicadamente o Silveira ao ouvido dela. – Este menino promete! Deem-lhe asas e hão de ver... deem-lhe asas!...

Amâncio foi coberto de ovações. Batiam-lhe no copo, faziam-lhe saúdes. Ele a todos respondia, rindo e bebendo.

Daí a uma hora recolheram-no à cama da mãe, porque lhe aparecera uma aflição na boca do estômago; mas vomitou logo e adormeceu depois, completamente aliviado.

Foi a sua primeira bebedeira.

Aos 14 anos prestou exame de francês e geografia e matriculou-se nas aulas de gramática geral e inglês.

Já eram válidos, felizmente, os exames do Liceu do Maranhão, e com as cartas que daí houvesse, podia entrar nas academias da Corte.

Amâncio, depois da escola do Pires, nunca mais voltou a passar férias na fazenda da avó. Preferia ficar na cidade: tinha namoros, gostava

loucamente de dançar, já fumava, e já fazia pândegas¹⁸ grossas com os colegas do Liceu.

Como o pai não lhe dava liberdade, nem dinheiro, e como exigia que ele às nove horas da noite se recolhesse à casa, Amâncio arranjava com a mãe os cobres que podia e, quando a família já estava dormindo, evadiava-se pelos fundos do quintal. Era Sabino quem lhe abria e fechava o portão.

O moleque gostava muito dessas patuscadas. O senhor moço levava-o às vezes em sua companhia. Amigos esperavam por eles lá fora, reuniam-se; tinham um farnel de sardinhas, pão, queijo, charutos e vinho. Era pagodear até pela madrugada!

Se havia chinfrim¹⁹, entravam, ou então iam tomar banho no Apicum ou cear ao Caminho Grande. Em noites de luar faziam serenatas; aparecia sempre alguém que tocasse violão ou flauta ou soubesse cantar chulas e modinhas. Aos sábados o passeio era maior; no dia seguinte Amâncio estava a cair de cansaço, aborrecido, necessitando de repouso.

Mas não deixava de ir. Era tão bom passear pela rua, quando toda a população dormia; fumar, quando tinha certeza de que nenhum dos amigos de seu pai o pilharia com o charuto no queixo; era tão bom beber pela garrafa, comer ao relento e perseguir uma ou outra mulher, que encontrassem desgarrada, a vagar pelos becos mal iluminados da cidade!

Tudo isso lhe sorria por um prisma voluptuoso e romanesco.

Às vezes entrava em casa ao amanhecer. Não podia dormir logo; vinha excitado, sacudido pelas impressões e pela bebedeira da noite. Atirava-se à rede, com uma vertigem impotente de conceber poesias byronianas, escrever coisas no gênero de Álvares de Azevedo, cantar orgias, extravagâncias, delírios.

E afinal adormecia, lendo *Mademoiselle de Maupin*, *Olympia de Clèves* ou *Confession d'un enfant du siècle*²⁰.

18. Farra, baderna.

19. Reunião animada e barulhenta.

20. *Mademoiselle de Maupin* é um romance epistolar francês escrito por Théophile Gautier e publicado em 1835. *Olympia de Clèves* é um romance de Alexandre Dumas, pai (1727). *La Confession d'un enfant du siècle*, publicada em 1836, é um romance do escritor francês Alfred de

Não penetrava bem na intenção deste último livro, mas tinha-o em grande conta e, visto conhecer a biografia de Musset, embriagava-se com essa leitura; ficava a sonhar fantasias estranhas, amores céticos, viagens misteriosas e paixões indefinidas.

As criadas da casa ou as mulatinhas da vizinhança já o enfaravam²¹: era preciso descobrir amores mais finos, mais dignos, que, nem só lhe contentassem a carne, como igualmente lhe socorressem as ânsias da imaginação.

Por esse tempo leu a *Graziella* e o *Raphael* de Lamartine²². Ficou possuído de uma grande tristeza; as lágrimas saltaram-lhe sobre as páginas do livro. Sentiu necessidade de amar por aquele processo, mergulhar na poesia, esquecer-se de tudo o que o cercava, para viver mentalmente nas praias de Nápoles, ou nas ilhas adoráveis da Sicília, cujos nomes sonoros e musicais lhe chegavam ao coração como o efeito de uma saudade, amarga e doce, de uma nostalgia inefável, profunda, sem contornos, que o atraía para outro mundo desconhecido, para uma existência, que lhe acenava de longe, a puxá-lo com todos os tentáculos de seu mistério e da sua irresistível melancolia.

Uma ocasião, deitado ao pé da janela de seu quarto, pensava em “Graziella”.

A tarde precipitava-se no crepúsculo e enchia a natureza de tons plangentes e doloridos. A um canto da rua um italiano tocava uma peça no seu realejo. Era a Marselhesa.

Amâncio conhecia algumas passagens da revolução de França: lera os *Girondinos* de Lamartine. E a reminiscência do sentimentalismo enfático dessa obra, coada pela retórica poderosa da música de *Lisle*, trouxe-lhe aos nervos um sobressalto muito mais veemente que das outras vezes.

Julgou-se infeliz, sacrificado nas suas aspirações, no seu ideal. Precisava viver, gozar sem limites!... Não ali, perto da família, estudando

Musset. Escrito em prosa, é dirigido ao escritor George Sand, com quem Musset teve um caso entre 1833 e 1835.

21. Aborrecer, entender.

22. Alphonse Marie Louise Prat de Lamartine (1790- 1869) foi um poeta francês.

miseráveis lições do Liceu, mas além, muito além, onde não fosse conhecido, onde tudo para ele apresentasse surpresas de que sua imaginação mal podia delinear.

Por isto estimou deveras ter de seguir para o Rio de Janeiro. A Corte era “um Paris”, diziam na província, e ele, por conseguinte, havia de lá encontrar boas aventuras, cenas imprevistas, impressões novas, e amores, oh, amores principalmente!

E, com efeito, desde que pôs o pé a bordo, principiou a gozar de novidade, produzida no seu espírito pela viagem.

A circunstância de achar-se em um paquete, sozinho, ouvindo o *ronrom* monótono da máquina e sentindo, como nos romances, as vozes misteriosas dos elementos sussurrarem à volta de seus ouvidos, encantava-o. Prestava muita atenção aos mais pequeninos episódios de bordo: olhava interessado para a grossa figura dos marinheiros que baldeavam pela manhã o tombadilho, a dançar com a vassoura aos pés; estudava o tipo dos outros passageiros, procurando descobrir em cada qual um personagem de seus livros favoritos; ao abrir e fechar das portas dos camarotes, espiava sempre, e às vezes lobrigava²³ de relance, ao fundo do beliche, uma figura pálida, ofegante, toda descomposta na imprudência do enjoo.

Ele é que nunca enjoava. À noite ia fumar para a tolda, estendido sobre um banco, as pernas cruzadas, os olhos perdidos pelo oceano.

Vinham-lhe então as nostalgias da província; o coração dilatava-se por um sentimento morno de saudade. Via defronte de si o vulto carinhoso de sua mãe, a chorar, com o rosto escondido no lenço, o corpo sacudido pelos soluços.

Quanto não custou à pobre mulher separar-se do filho?... Que violência não foi preciso para lho arrancarem dos braços! Foi como se pela segunda vez lho tirassem a ferro das entranhas.

Antes mesmo da partida de Amâncio, muito sofrera a mísera com a ideia daquela separação. Pensava nisso a todo instante, sem se poder capacitar de que ele devia ir, atirado a bordo de um vapor, tão sozinho,

tão em risco de perigos. “Oh! Era muito duro! Era muito duro!...” Mas Vasconcelos opunha-lhe argumentos terríveis: “O rapaz precisava fazer carreira, ter uma posição! Não seria agarrado às saias da mãe que iria pra diante! Há muito mais tempo devia ter seguido; o filho de fulano fora aos 15 anos; o de beltrano com 23, e Amâncio já tinha 20. Ia tarde!” Ângela que se deixasse de pieguices. Justamente por estimá-lo é que devia ser a primeira a querer que ele fosse, que se instruisse, que se fizesse homem! Além disso o rapaz a poderia visitar pelas férias, nem sempre, mas de dois em dois anos.

Ângela parecia resignar-se com as palavras de Vasconcelos; fazia-se forte jurava que “não era egoísta”, que “não seria capaz de cortar a carreira de seu filho”; mal, porém, o marido lhe dava as costas, voltava-lhe a fraqueza: vinham-lhe as lágrimas, tornavam as agonias. Por vezes, no meio do jantar, enquanto os outros riam e conversavam, ela, que até aí estivera a pensar, abria numa explosão de soluços e retirava-se para o quarto, aflita, envergonhada de não poder dominar aquele desespero. Outras vezes acordava por alta noite, a gritar, a debater-se, a reclamar o filho, a disputá-lo contra os fantasmas do pesadelo.

No dia da viagem não se pôde levantar da cama, tinha febre, vertigens; a cabeça andava-lhe à roda. E não queria mais ninguém perto de si, além do filho, só ele! “Não a privassem de Amâncio ao menos naquele dia!” E tomava-o nos braços, procurava agasalhá-lo ao colo, como fazia dantes, quando ele era pequenino. Afagava-lhe a cabeça, beijava-lhe de novo as mãos, os olhos, o pescoço, envolvia-o todo em mimos, como, se, na santa loucura de seu amor, imaginasse que eles lhe preservariam o filho contra os escolhos da jornada e contra os futuros perigos que o ameaçavam.

– Minha pobre mãe!... – Suspirava Amâncio no tombadilho, derramando o olhar lacrimoso pela inconstante planície das águas. – Minha pobre mãe!...

E vinham-lhe então fundas saudades de sua terra, de sua casa e de seus parentes. As palavras de Ângela palpitavam-lhe em torno da cabeça, com uma expressão de beijos estalados. Lembrava-se dos últimos conselhos que ela lhe dera, das suas recomendações, das suas pequeninas providências; de tudo isso, porém, o que mais lhe ficara grudado à

23. Perceber, notar, avistar.